



GT 61. Novas Epistemologias E Perspectivas No/Do Fazer Antropológico

Coordenador(es):

Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Angela Maria de Souza (UNILA)

Sessão 1 - Conhecimento em movimento, Corpo Negro e "Afroestratégias" na elaboração Antropológica.

Debatedor/a: Alexandra Eliza Vieira Alencar (UFSC)

Sessão 2 - Quem fala? Quem escreve? Os deslocamentos na produção de conhecimento.

Debatedor/a: Joziléia Daniza Jago Inacio Jacodsen Schild (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Confluências no fazer antropológico.

Debatedor/a: Maíra Samara de Lima Freire (UEPB - Universidade Estadual da Paraíba)

"Nós somos os outros, você é a menina preta do nordeste, e eu, o indígena do norte". Visamos reunir neste espaço, estudos que abordem propostas de pesquisadores(as) que se deslocam deste lugar do outro e constroem uma narrativa de subjetividade implicada com epistemologias antropológicas, na construção das ciências humanas, a partir da perspectiva de sujeitos que existem em diferentes contextos que outrora foram locais centrais para a reflexão sobre alteridade. Hoje, estes contextos passam a ser locus participativo num processo de transformação social ocorrido na última década (Munanga, 2016; Gomes; 2012; Benites, 2018). Partindo da ideia de que os sujeitos que agora constroem suas propostas teóricas são pessoas que experienciaram seus cotidianos de vida nos contextos historicamente conhecidos como locais de "trabalho de campo" da antropologia brasileira. Visamos expandir o debate a partir das reflexões propostas por estes pesquisadores, partindo de suas produções, vivências e experiências em reflexões antropológicas. Objetivamos assim, construir espaços que fomentem o debate sobre novas epistemologias no fazer antropológico, como forma de expansão de suas lutas produções de conhecimentos e reivindicações por direitos, localizadas no campo acadêmico. A proposta é ampliar e aprofundar o debate sobre as produções e os intelectuais, traçando paralelos, num ponto de intersecção cruzado de pensar novas e outras perspectivas de ser intelectual na antropologia brasileira.

?Onde o eu que não era eu tinha morada?: Narrativas Escravas e a Reconstrução do Sujeito Negro

Autoria: Osmundo Santos de Araújo Pinho (UFRB - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia)

A linha divisória entre narrativas biográficas factuais e narrativas ficcionais, que reconstróem uma voz que nos fala desde um passado presumido, é problemática e poderia ser encarada como uma tensão produtiva, tanto na literatura como na antropologia. Desde as proposições de Walter Benjamin em ?Sobre o Conceito de História?, onde a consciência de um sujeito histórico que em um ?momento de perigo? se apega a um flash momentâneo carregado de sentido e dramaticidade. Até Trouillot, que nos diz como a consciência da História é ela própria histórica e sujeita a esse relampejo imediato do presente. No caso do povo negro na Diáspora, a memória é também um antídoto contra a desumanização e a aniquilação mais profunda. Reconstruir um vínculo, uma narrativa ou lugar, onde o corpo, ?máquina da memória? possa lembrar é assim essencial. No cenário histórico, e em suas disposições estruturais, a escravidão negra é a cena primordial para a narrativa



de si de um sujeito que busca o seu lugar na História como está S. Hartman. O que acrescentaria aqui é que esse pensamento, ou figuração histórica da liberdade em um momento de perigo, foi manufaturada com os recursos e estruturas desenvolvidas e comandadas pelos mesmos opressores, que fizeram do sonho da liberdade uma luta selvagem, inglória, incerta e constante como vemos nas narrativas, o que emula contradições presentes na teoria antropológica. Foi usando a língua do homem branco, suas formas expressivas convencionais, como a autobiografia, apelando a seus sentimentos e buscando sua empatia, que a voz escrava, indicadora de formas subjetivas tão particulares e tão universais em sua humanidade, pôde se constituir e chegar até nós, nesse momento histórico, como aparece exemplarmente em ?incidentes na Vida de uma Menina Escrava? de H. Jacobs. Não gratuitamente, poucas são as narrativas escravas de próprio punho, e mais raras ainda as produzidas por mulheres. Em função disso, iremos considerar privilegiadamente nessa comunicação a narrativa autobiográfica de Jacobs e as narrativas ficcionais encontradas em ?Kindred? de Octavia Butler e ?Amada? de Toni Morrison, assim como as narrativas afro-brasileiras de Ana Maria Gonçalves em ?Um Defeito de Cor? e o romance ?Úrsula?, escrito por Maria Firmina dos Reis em 1859, para desenvolver a discussão sobre memória, ficção e reconstrução de si no mundo Anti-Negro como base para novas epistemologias negras na antropologia crítica.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: